

BOLETIM METALÚRGICO SUBSEÇÃO FTM-RS CUT

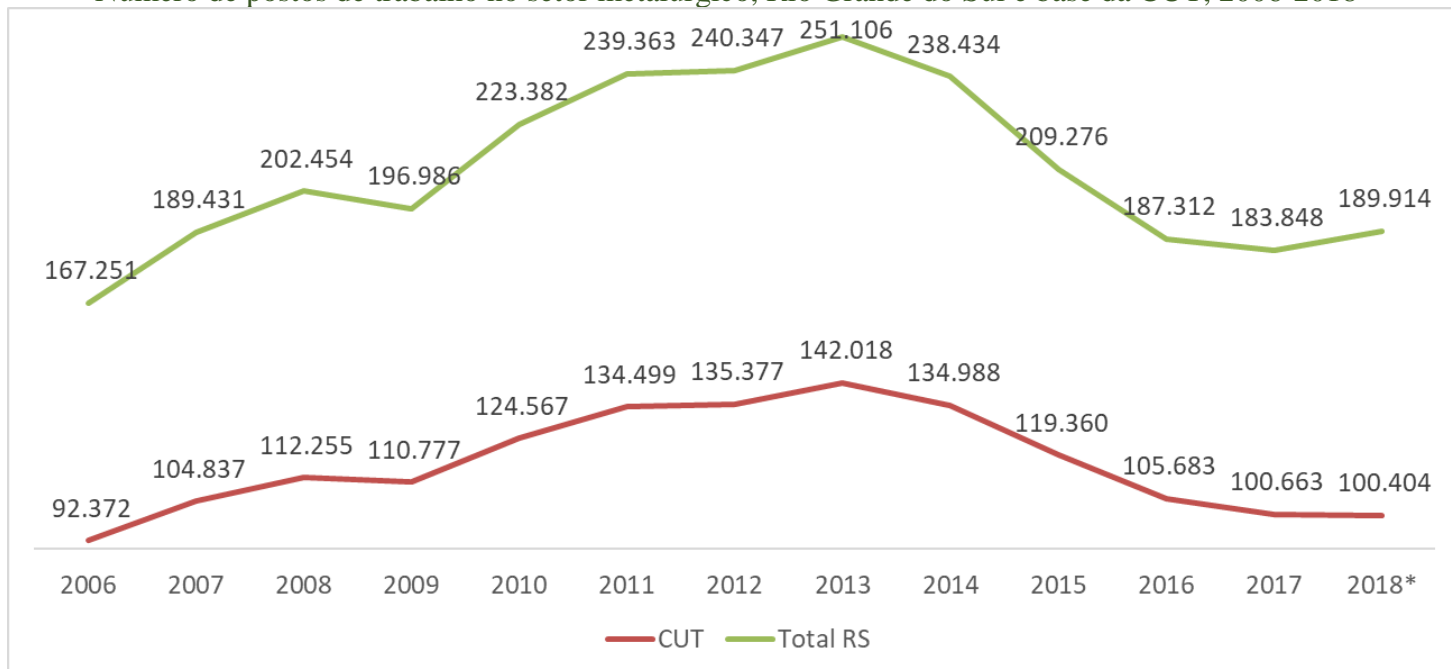
SETEMBRO 2018

1. Setor metalúrgico do Rio Grande do Sul apresenta queda de 5.020 vagas de trabalho em 2017

Os dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) sobre estoque do emprego metalúrgico no Rio Grande do Sul, apontam para uma diminuição de 5.020 postos, o que representa uma queda de -1,8% em relação a 2016. Do total de vagas extintas, 69% formavam a base da CUT, que perdeu 3.464 postos de trabalho no período, o que representa 4,8% (GRÁFICO 1). A estimativa é que até agosto de 2018 foram criadas 6.066 novas vagas no total do Estado, dentre os metalúrgicos cutistas, entretanto, os postos de trabalho permaneceram em queda, totalizando um saldo negativo de -259 postos.

GRÁFICO 1

Número de postos de trabalho no setor metalúrgico, Rio Grande do Sul e base da CUT, 2006-2018*



Fonte: RAIS/CAGED – Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)
Elaboração: Dieese – Subseção FTM-RS/CUT

No período de 2006 a 2018 o emprego metalúrgico no Estado apresenta uma trajetória de, em um primeiro momento crescimento até 2013, onde atinge o pico de criação de postos de trabalho, e posterior queda (GRÁFICO 1). Entre os anos de 2013 a 2017 houve uma queda de 27% no total dos trabalhadores do Rio Grande do Sul, e de 29% na base cutista.

Dentre os segmentos do setor metalúrgico que perderam vagas no acumulado de 2016 e 2017 destaca-se o Naval, onde foram eliminadas 4.730 vagas, seguido do Eletroeletrônico, com queda de 448 postos, Aeroespacial e Defesa, -80, Metalurgia Básica, -61, e Outros Materiais de Transporte -49 vagas. Por outro lado, os segmentos que ampliaram o número de vagas foram o Automotivo, com a criação de 968 postos de trabalho, onde se destaca o subsegmento de Autopeças, em que foram criadas 1.379 novas vagas e Montadoras, que aumentou 923 postos no período. O segmento de Bens de Capital Mecânico apresentou crescimento de 609 novos postos de trabalho, dentre os quais 218 em Máquinas e Equipamentos e 391 em Máquinas e Equipamentos Agrícolas. No caso do segmento de Siderurgia e Metalurgia Básica, houve um crescimento de 327 postos de trabalho (TABELA 1).

TABELA 1

Número de trabalhadores metalúrgicos por segmento e subsegmento,
Rio Grande do Sul, 2016-2017

SEGMENTO/SUBSEGMENTO	2016	2017	VARIAÇÃO (%)	Variação (n. postos)
Aeroespacial e Defesa	2.884	2.804	-2,8%	- 80
Automotivo	35.475	36.443	2,7%	968
Autopeças	19.096	20.475	7,2%	1.379
Encarçoadoras	12.904	11.570	-10,3%	- 1.334
Montadoras	3.475	4.398	26,6%	923
Bens de Capital Mecânico	58.712	59.321	1,0%	609
Máquinas e equipamentos	37.254	37.472	0,6%	218
Máquinas e Equipamentos Agrícolas	21.458	21.849	1,8%	391
Eletroeletrônico	22.085	21.637	-2,0%	- 448
Metalurgia básica	2.215	2.154	-2,8%	- 61
Naval	7.404	2.674	-63,9%	- 4.730
Outros materiais transportes	742	693	-6,6%	- 49
Siderurgia e metalurgia básica	57.795	58.122	0,6%	327
Metalurgia básica	42.523	42.898	0,9%	375
Produção de ferro-gusa e ferro-ligas	11	10	-9,1%	- 1
Siderurgia (Usinas)	15.261	15.214	-0,3%	- 47
TOTAL GERAL	187.312	183.848	-1,8%	- 3.464

Fonte: RAIS/CAGED – Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)

Elaboração: Dieese – Subseção FTM-RS/CUT

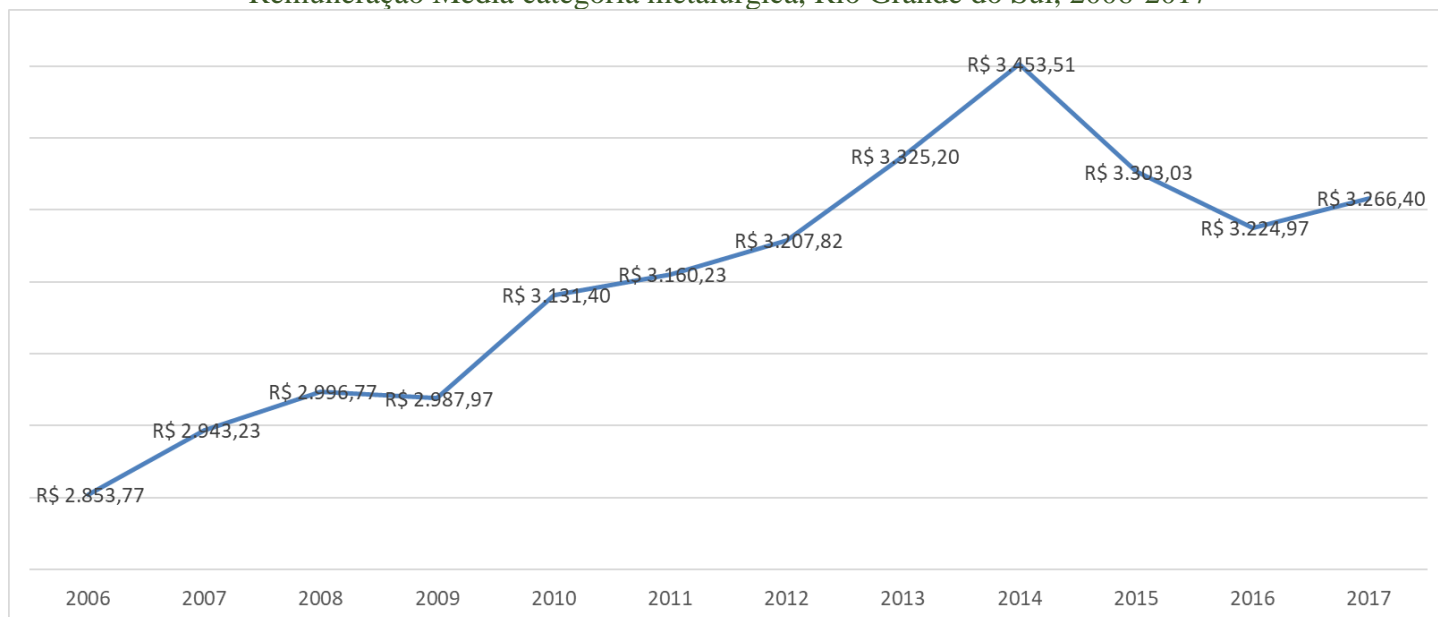
DIEESE – Subseção FTM-RS/CUT

Técnica Responsável: Cristina Pereira Vieceli – cristinavieceli@dieese.org.br

Cep 90.030-130 | www.dieese.org.br | errs@dieese.org.br

Apesar da diminuição do número de vagas, a remuneração média da categoria metalúrgica aumentou 1,3% na passagem de 2016 para 2017, passando de R\$3.225,0 para R\$3.266,40. No período de 2006 a 2017, acompanhando a variação do emprego, houve um crescimento importante da remuneração média, partindo de R\$2.853,77 e chegando a um pico de R\$3.453,51 em 2014, uma variação de 21%. A partir de 2015, acompanhando a queda do emprego da categoria, há um recuo importante da remuneração média, atingindo o ponto mais baixo em 2016, que totalizou R\$3.224,97, uma queda de 6,6% em dois anos (GRÁFICO 2).

GRÁFICO 2
Remuneração Média categoria metalúrgica, Rio Grande do Sul, 2006-2017



Fonte: RAIS – Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)
Elaboração: Dieese – Subseção FTM-RS/CUT

Apesar do robusto crescimento da remuneração média no período, a variação foi inferior ao do INPC, que apresentou crescimento de 91,39% entre 2006 a 2017. Essa diferença ocorre devido à alta rotatividade da categoria metalúrgica, em que os empregadores demitem trabalhadores com remunerações inferiores aos admitidos. Essa política diminui ou neutraliza os ganhos reais conquistados pelas negociações coletivas de trabalho.

2. Indústria permanece sem dinamismo e recua -0,3% em agosto

Os resultados da pesquisa Produção Industrial Mensal (PIM) elaborada pelo IBGE apontam para um decréscimo de -0,3% na produção da indústria nacional frente a julho de 2018. É o segundo mês consecutivo que o indicador recua no comparativo com o mês anterior, em julho a produção industrial apresentou redução de 0,4%. Apesar do resultado pouco animador, há uma tendência de crescimento lento em relação à 2017, no comparativo com o

mesmo mês do ano anterior, a produção industrial variou 2% e no acumulado do ano a taxa permanece positiva em 2,5% (TABELA 2).

TABELA 2
Produção Industrial Mensal por seção de atividade industrial
Brasil, agosto 2018

Tipo de Indústria	Variação % / mês imediatamente anterior	Variação %/ mês do ano anterior	Variação % acumulada ano
Indústrias extrativas	-2	1,5	0,3
Indústrias de transformação	-0,1	2	2,9
Indústria geral	-0,3	2	2,5

Fonte: Produção Industrial Mensal – PIM/IBGE.
Elaboração: Dieese – Subseção FTM/RS-CUT

A indústria extrativa foi a principal responsável pelo recuo da produção em agosto, com redução de 2% ante julho, já a indústria de transformação permaneceu praticamente estável, com redução de -0,1%. No comparativo com o mês do ano anterior, a indústria extrativa apresentou crescimento de 1,5% e no acumulado do ano, variação positiva de 0,3%. No caso da indústria de transformação a variação ante o mês anterior foi de 2% e em relação ao acumulado do ano houve um crescimento de 2,9% (TABELA 2).

Dentre as grandes categorias econômicas, a queda da produção industrial foi puxada pelos bens intermediários, que recuaram 2,1% ante julho, os bens de capital permanecem com crescimento robusto, 5,3% no comparativo com julho, os bens de consumo apresentaram crescimento de 0,2%, dentre os quais, os duráveis cresceram 1,2% e os semiduráveis e não duráveis decresceram -0,6%. No comparativo com o mês de agosto de 2017, por outro lado, todas as grandes atividades econômicas apresentaram crescimento, com destaque novamente para os bens de capital, que apresentou crescimento de 8,2% e, dentre os bens de consumo, os duráveis cresceram 9,7%. No caso dos bens intermediários a variação foi menor, 1,2% e os bens semiduráveis e não duráveis cresceram 0,1%. No acumulado do ano, novamente os bens de capital e os bens de consumo duráveis despontam como principais crescimentos, totalizando 9% e 13,8%, enquanto os bens de consumo semiduráveis e não duráveis apresentou crescimento de 0,6%, os intermediários cresceram 1,5% (Tabela 3).

TABELA 3
Produção Industrial Mensal por grande categoria econômica
Brasil, agosto 2018

Grandes Categorias Econômicas	Agosto 2018/ Julho 2018	Agosto 2018/ Agosto 2017	Acumulado Janeiro-Agosto
Bens de Capital	5,3	8,2	9
Bens Intermediários	-2,1	1,2	1,5
Bens de Consumo	0,2	2,1	3,2
Duráveis	1,2	9,7	13,8
Semiduráveis e não Duráveis	-0,6	0,1	0,6
Indústria Geral	-0,3	2	2,5

Fonte: Produção Industrial Mensal – PIM/IBGE.
Elaboração: Dieese – Subseção FTM/RS-CUT

Dentre as sete seções de atividade do setor metalúrgico investigadas pelo IBGE, somente duas apresentaram decréscimo da produção no comparativo mensal, quais sejam, “fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos”, com recuo de -2,9% e “fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores”, que recuou -0,2%. Os demais segmentos apresentaram crescimento no período, com destaque para “fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos” com variação positiva de 5,1%, “manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos” com variação positiva de 4,2%, “fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias”, com crescimento de 2,4%, “fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos” apresentou crescimento de 1,8% e “fabricação de máquinas e equipamentos” com crescimento de 0,5% (TABELA 4).

TABELA 4
Produção Industrial Mensal por seção de atividades do setor metalúrgico
Brasil, agosto 2018

Seção de atividade industrial	Variação % / mês imediatamente anterior	Variação %/ mês do ano anterior	Variação % acumulada ano
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1,8	4,3	1,3
Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	5,1	-7,7	10,2

Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-2,9	-1,9	-0,8
Fabricação de máquinas e equipamentos	0,5	8,8	5,3
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	2,4	15	18,4
Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-0,2	4	-1,4
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	4,2	5,7	2

Fonte: Produção Industrial Mensal – PIM/IBGE.
Elaboração: Dieese – Subseção FTM/RS-CUT

No comparativo com o mesmo mês do ano anterior, somente os segmentos de “fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos”, que decresceu -7,7% e “fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos” que apresentou recuo de -1,9%. As demais seções de atividade apresentaram crescimento acima de 4%, em que se destaca “fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias” com variação de 15% (TABELA 4). No acumulado do ano, novamente as atividades de “fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos” apresentou recuo de -0,8% e “fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores” apresentou decréscimo de -1,4%. Por outro lado “fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias” variou 18,4% no período.

Os dados totais da indústria brasileira em geral, e da indústria metalúrgica em particular, apontam para o crescimento principalmente dos ramos industriais voltados para o mercado externo, como o automotivo, e o aumento da demanda por bens de capital, que está encadeado. Já os setores industriais voltados para o mercado interno como os bens de consumo semiduráveis e não duráveis permanecem desaquecidos, devido ao desemprego elevado. As exportações de manufaturados, entretanto, apresentaram desaceleração em setembro, tanto no comparativo com o agosto de 2018 quanto em relação ao mesmo mês do ano anterior, dentre os fatores está a crise econômica na Argentina, terceiro principal parceiro comercial do Brasil.